

Rocha Fidalgo (Eds.), *A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade*. (pp 135 – 160). Campinas, SP: Papirus, 2009.

Segenreich, Stella Cecilia Duarte (2011a). A aula *on line* como espaço para discussão e pesquisa sobre a Educação a Distância. *Conhecimento e Diversidade*. Rio de Janeiro. n.6, 105- 122.

Segenreich, Stella Cecilia Duarte (2011b, setembro) Las múltiples posibilidades de la tutoria en línea en la educación superior a distancia. Trabalho apresentado no XV Congreso nacional y internacional de modelos de investigación educativa. Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED). Madrid, Espanha.

Segenreich, Stella Cecilia Duarte (2011c, Agosto). *Questões Epistemológicas e Pesquisa em Educação*: proposta do curso. Rio de Janeiro, Universidade Católica de Petrópolis, Mestrado em Educação.

Segenreich, Stella Cecilia Duarte (2011d). *Questões Epistemológicas e Pesquisa em Educação*: registros na plataforma Moodle. Retirado em abril 10, 2012 de <http://200.156.15.188/moodle/course/view.php?id=85>.

Silva, Edméa Oliveira dos Santos (2006) Educação *on line* como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. In Edméa Santos & Lyinn Alves (Eds.). *Práticas pedagógicas e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: E-papers.

2.72.

Título:

Perspectivas de formação profissional em programas de educação à distância

Autor/a (es/as):

Silva, Maria de Lourdes O. Reis da [Grupo de Pesquisa em Currículo e Formação - Formacce da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Centro Universitário Estácio da Bahia]

Resumo:

Este artigo tem como objetivo, apresentar resultados de estudos sobre diferentes possibilidades de formação profissional em programas de Educação À Distância (EAD); considerando as demandas provocadas pelas mudanças econômicas, sociais, culturais e tecnológicas do mundo atual, que contribuem para a efetivação de realidades outras e interferem na cotidianidade das pessoas, incitando-as a sair de lugares comuns para novas aventuras no campo do saber. Bem como, as contribuições da EAD para promover a equidade e o acesso a postos de trabalho a

partir da formação em cursos de licenciatura, bacharelado e tecnológicos. O texto enfatiza a importância que tem sido atribuída à EAD pela legislação do ensino e pelas políticas públicas no Brasil e a crescente credibilidade que a comunidade acadêmica e a sociedade têm dado a esta modalidade de ensino, pelo modo como esta proposta, atualmente, vem se estruturando para atender às necessidades formativas dos alunos, associadas à interatividade dos ambientes virtuais de aprendizagem; tecendo considerações sobre aspectos de iniciativas anteriores que contribuíram para o descrédito da EAD no Brasil. Faz uma reflexão sobre as articulações estabelecidas entre a proposta de aprendizagem virtual e a viabilidade financeira; a praticidade didático-pedagógica; o desenvolvimento e reafirmação da autonomia para estudar e para formar-se; a oportunidade de socialização de saberes e de competências; a possibilidade de democratização da educação. Apresenta experiências de estudantes que vivenciam a sua formação neste nível de aprendizagem, trazendo diferentes testemunhos sobre o encontro com a EAD, desde a curiosidade pelas suas especificidades, os primeiros contatos, os momentos de insegurança, as dúvidas, as desistências e, por fim, o encantamento pela oportunidade de novas descobertas na construção do conhecimento e na formação profissional. Foram realizadas entrevistas, em 2011, com alunos que fazem curso de formação profissional EAD e com alunos que fazem cursos presenciais com disciplinas *online*, estabelecendo relações entre o discurso dos estudantes e as propostas curriculares e didático-pedagógicas dos cursos. Para melhor compreensão sobre os conteúdos em análise, foram colhidas opiniões de professores sobre o desempenho dos alunos na modalidade presencial com disciplinas *online*. Este é um estudo de grande relevância para a pesquisa em EAD, porque propicia uma reflexão sobre as suas contribuições atuais na formação profissional e no processo de inclusão sócio-educacional, em um país onde o acesso à Educação Superior tem sido difícil para uma boa parcela da sociedade trabalhadora. Também pelo fato de que discutir as especificidades e as possibilidades da EAD nas formações contribui para esclarecer a sociedade sobre determinados tabus que foram construídos ao longo da história da Educação no Brasil. E que ora aparecem como aspectos dificultadores da compreensão sobre o processo educativo-formativo e da expansão com qualidade desta modalidade de ensino.

Palavras-chave:

Educação à distância. Formação profissional. Demandas formativas atuais.

Introdução

A formação profissional em programas de Educação à Distância requer ampla reflexão sobre o papel da tecnologia digital, que não pode ser considerada como fator essencial da formação, mas como recursos necessários à construção do conhecimento. O valor das proposições educativas atuais reside na forma de encarar essa nova sociedade e de perceber as possibilidades de transformação que as próximas décadas exigirão nos diferentes setores do mundo produtivo. O saber enciclopédico perde o sentido em um momento em que as relações sociais se processam com um nível de aproximação e de anulação das distâncias nunca visto antes na história da humanidade.

A EAD rompe com as tradicionais etapas de aprendizagem rígidas, com o ensino personificado em um professor que defende suas ideias para um grupo de alunos, com os territórios delimitados das salas de aula, com a figura do mestre que sabe e dos alunos que aprendem, trazendo a única certeza de que o que se sabe é sempre muito pouco diante do manancial de conhecimentos produzidos diariamente pelos sujeitos sociais. Traz também o impacto de se buscar um novo encantamento frente à conquista de saberes que circulam, que se impõem como realidades outras e que promovem mudanças nos valores familiares, escolares e sociais.

As mudanças econômicas, sociais, culturais e tecnológicas do mundo atual, que acontecem de forma vertiginosa, contribuem para a efetivação de realidades outras e interferem na cotidianidade das pessoas, incitando-as a sair de lugares comuns para novas aventuras no campo do saber, buscando superar dificuldades e preconceitos, familiarizando-se com os espaços virtuais de aprendizagem e tornando-se sujeitos de sua formação.

Como consequência do movimento de produção tecnológica promovido desde que o homem se utilizou de instrumentos rudimentares para se adaptar a diferentes situações, sobreviver e perpetuar-se, meios de comunicação de massa têm contribuído de modo significativo para a advento da EAD: o rádio, a televisão, o telefone, o cinema e, no mundo atual, o computador e as diferentes mídias utilizadas na veiculação cada vez mais acelerada do conhecimento.

Este trabalho tem como propósito, tecer considerações sobre as possibilidades da formação profissional na modalidade à distância e as suas contribuições no ensino presencial com a utilização dos dispositivos e da interatividade do ciberespaço. Refletindo sobre aspectos da trajetória do ensino à distância, implicações legislativas e atuação da instituição formadora como fator de qualificação profissional.

Relações do ser com o conhecimento e com a aprendizagem

Nada é mais precioso que o humano. Ele é a fonte das outras riquezas, critério e portador vivo de todo valor.

Pierre Lévy

Hermes, o mensageiro dos homens e dos deuses na antiga Grécia, percorria distâncias levando o conhecimento aqui e acolá; contando suas histórias, personificava o saber e conduzia as almas para a luz, decifrava os mistérios dos deuses e se tornou símbolo da hermenêutica. As suas sandálias e chapéu alados representam a conquista de caminhos que se cruzam na busca incessante do conhecimento, na curiosidade pela informação e na descoberta dos talentos que orientam a vida. Assim como Hermes escolhia os seus caminhos, o homem, desde tempos imemoriais empreendeu a busca pelo conhecimento de diferentes formas.

Impulsionado inicialmente pelo temor e pela adoração à natureza, o homem primitivo questionou suas origens, buscou respostas para suas inquietações e começou a construção do conhecimento, veiculando informações primeiro pela oralidade e depois introduzindo a escrita desde as formas mais rudimentares até as mais complexas; hoje, com a aventura do ambiente virtual que encurta distâncias e promove diferentes tipos de interações em tempo real, uma nova era nas relações com o conhecimento e com a aprendizagem se instaura e se movimenta na busca de saberes outros. As formas de aprender e de divulgar o conhecimento também se diversificaram ao longo do tempo, a partir de diferentes materiais culturais e ilustrativos; de experiências entre aprendizes e ensinantes, de trocas, interações e interrelações que alcançam os âmbitos da formação profissional.

Nesse contexto, em que circulam e interagem conhecimentos e saberes diversos, oriundos da produção científica e também do senso comum, é possível identificar uma inteligência vivencial interpretativo-compreensiva que se movimenta na produção e no consumo de artefatos culturais locais e globais. Levy (2007: 27) diz: “Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber”. O autor faz uma reflexão sobre o laço social e a relação com o saber para introduzir seu conceito de “inteligência coletiva”, a partir do enfoque antropológico; definindo-a como a inteligência que está em toda parte, que precisa ser valorizada porque mobiliza de modo efetivo as competências dos sujeitos aprendentes em toda a sua diversidade, veiculada em tempo real e perenizada pelo movimento coletivo que precisa de um ciberespaço acolhedor, de infraestrutura técnica adequada, para um aprendizado recíproco.

Esta discussão permite compreender, a partir de diferentes possibilidades formativas, um mundo em constante transição, movido pelas provisoriades das descobertas científicas e pelos avanços das tecnologias da comunicação e da informação. Este movimento próprio das relações do sujeito social

com os outros e com os saberes tem como principal implicação o aprender para formar-se, para desenvolver as competências necessárias ao desempenho profissional em um espaço social de saberes coletivos e nômades.

Nesse caminhar da humanidade, com olhos para o ser sendo, saberes e práticas conquistam espaços propiciados pelo avanço da tecnologia que, na contemporaneidade, não encontra obstáculos para um devir do humano sempre e cada vez mais produtivo. É nesse contexto que a Educação à Distância (EAD) se impõe e lança novas formas de aprender e de ser do conhecimento; tem sua origem na possibilidade de propiciar informações e aprendizagens sem a presença física de um professor; possibilidade esta, criada a partir da invenção da imprensa, no século XV, por Gutemberg, que propiciou a popularização do conhecimento. Desde então, estava aberta a perspectiva para qualquer pessoa, independente de sua formação e situação social, in(formar-se) em diferentes correntes de pensamento, a partir de suas escolhas. Estava instituído, portanto, desvinculado de políticas públicas e da institucionalização do ensino, o autodidatismo, condição que transformou muitos cidadãos de todo o mundo em pessoas de reconhecido saber.

Como atividade de ensino institucionalizada, a prática da Educação à Distância tem se configurado ao longo do tempo como um processo que visa atender a diferentes demandas: sócio-educacionais, econômicas e profissionais de épocas e de contextos diversos. Usada inicialmente para atualização e qualificação profissional, era ofertada em cursos por correspondência, com materiais impressos enviados pelo correio. Um modelo de educação que transpõe limites de tempo e de distância, tem promovido o acesso à informação e à formação desde aproximadamente o século XVIII, quando eram ministrados cursos à distância nos Estados Unidos. Lobo Neto (1995) marca como uma das primeiras iniciativas de ensino à distância, o anúncio da Gazeta de Boston, em 20 de março de 1728, feito pelo professor de taquigrafia Cauleb Phillips, convocando a quantos quisessem aprender a arte, a receber em casa, semanalmente, as lições.

Intersubjetividade, diálogo e interatividade

Ligorio, Tálamo e Pontecorvo (2005: 360) inspirado-se nos estudos de Vygotsky afirmam: “intersubjetividade é um processo que ocorre entre pessoas, particularmente entre um adulto competente e uma criança menos competente” (tradução nossa)¹². Enquanto Vygotsky falava das relações presenciais de aprendizagem entre o adulto e a criança, os autores reportam-se aos seus estudos para uma reflexão aplicada dos seus conceitos em atividades com grupos de crianças a distância. Para os autores: “A introdução da comunicação mediada e ambientes virtuais colaborativos

¹² Intersubjectivity is a process that takes place between people, particularly between a competent adult and a less competent child.

em contextos de aprendizagem têm o efeito de estender a comunidade para além dos muros da escola, reduzindo as fronteiras da comunidade educacional” (2005: 360, tradução nossa)¹³.

Os autores desenvolveram uma pesquisa sobre a subjetividade a partir da interatividade virtual e das possibilidades do diálogo à distância, concluindo que esta é uma experiência que exige estratégias de colaboração mais complexas, com o auxílio do computador, mediadas por membros da comunidade educacional para a difusão de conhecimentos e habilidades. A tarefa que os autores descrevem teve como objetivo aproveitar a oportunidade que o ambiente virtual *Collaborative Learning Environment called Synergeia* oferece para promover a colaboração entre nações. Os sujeitos deste estudo foram dois grupos de crianças de 5ª série: um formado por crianças gregas e outro por crianças italianas.

O projeto foi estruturado em cinco fases: na primeira foi feita a discussão sobre diversidade, acentuando aspectos relevantes dos contos de fadas e colocados no campo virtual; na segunda fase foram selecionados contos de fadas que abordavam a diversidade, para serem lidos e discutidos. Os alunos escolheram o “Patinho Feio” como fonte de inspiração para suas produções no projeto. Na terceira fase cada classe implicada na realização da atividade iniciou um novo conto, postando na plataforma, em inglês. Na quarta fase o grupo de alunos dos países co-participantes baixaram o conto iniciado, fizeram a leitura em sala de aula e escreveram o final. A quinta fase foi a discussão sobre os contos produzidos e a publicação na Web do resumo da discussão (Ligorio & Tálamo & Pontecorvo, 2005: 362).

É possível observar e constatar que a atividade desenvolvida pelos autores apresenta na sua constituição, no seu desenvolvimento e nos seus resultados, situações de diálogo e de interatividade e que, por ser uma experiência realizada com pessoas, as suas possibilidades de êxito não se restringem ao trabalho educativo com crianças, mas podem ser ampliadas para a formação profissional a distância.

Educação à distância: possibilidades formativas

A proposta da EAD visa atender aos princípios do relatório da UNESCO sobre a educação para o século XXI quanto as perspectivas do “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser”. Principalmente porque propicia o exercício da autonomia e uma outra forma de conviver e de interagir, com um novo modo de presença e uma outra forma de ser e de fazer no campo da prática e dos saberes que a fundamentam. Esta realidade instituída pela EAD inaugura uma forma de reflexão sobre a comunicação professor-aluno-professor, uma vez que os espaços de comunicação se diferenciam e se potencializam para outros tipos de transações.

¹³ The introduction of mediated communication and collaborative virtual environments in learning contexts has the effect of extending the community beyond the school walls, blurring the borders of the educational community.

Diz Moore (2002): “a transação a que denominamos Educação a Distância ocorre entre professores e alunos num ambiente que possui como característica especial a separação entre alunos e professores”. Esta separação física cria um espaço psicológico e relacional que provoca a utilização de estratégias de ensino e aprendizagem que contribuam para a superação dos mal-entendidos entre professor e aluno e das dificuldades de adaptação que frequentemente surgem, principalmente entre os imigrantes digitais e os analfabetos digitais. Este espaço que Moore chama de “distância transacional [...] uma variável contínua e não discreta, um termo relativo e não absoluto” (2002), é observada também em situações de aprendizagem presenciais. Porque é, além disto, uma distância experiencial, perspectivada por visões de mundo e de contexto diferenciadas, por compreensões sobre a aprendizagem relacionadas com a experiência com o conhecimento. Professores e alunos se distanciam e se aproximam em um movimento estruturador das relações com o aprender e com o ensinar, que propicia a busca e a construção de novos saberes, inspirados pelas construções histórico-sociais-culturais do conhecimento.

Dessa forma, trabalhar o espaço transacional na EAD significa buscar estratégias e técnicas especiais para atender às especificidades desta modalidade de ensino e aprendizagem; capacitar estudantes e professores para relacionar-se de modo significativo com o ambiente virtual; aproveitar as suas vantagens para uma formação profissional que dê conta das propostas curriculares dos cursos com eficiência, garantindo as aprendizagens necessárias ao desenvolvimento das competências profissionais; reconhecer, como enfatiza Moore, que existem variações de intensidade nas relações entre professor e alunos e que outras variáveis do ambiente e dos indivíduos interferem no processo de formação na modalidade a distância.

Dessa perspectiva, os professores de EAD precisam capacitar-se para interagir nesse processo, que é formativo não somente para o aluno, de modo a saber distinguir situações de aprendizagem significativas presenciais e a distância. A simples transposição de estratégias do ensino presencial para o ambiente virtual não atende aos objetivos da EAD. Há que ressaltar, portanto, que a produção de situações de aprendizagem em ambientes virtuais necessita de profissionais com uma visão ampliada de aprendizagem, com experiência de nativos virtuais e/ou imigrantes virtuais que apreenderam e compreenderam a perspectiva da interatividade no ciberespaço. O sucesso de um programa de formação profissional na modalidade EAD depende da criação de um espaço relacional e intersubjetivo no espaço transacional, de modo que estabeleça o diálogo, a interatividade, a troca de experiências e de conhecimentos.

Aliados às especificidades e à formatividade da EAD, como um processo proativo e articulado com outras dimensões do mundo, questões ligadas ao processo vivencial dos sujeitos são dignas de nota como: a aprendizagem virtual, além de contribuir para otimização do tempo do estudante, que pode programar seus horários de estudos com autonomia, é uma modalidade que viabiliza um menor investimento financeiro para o estudante, decorrente do menor investimento da instituição, que pode

atender a uma grande quantidade de alunos, sem perda de qualidade, impossível para o ensino presencial; amplia o aproveitamento do tempo e de espaços informacionais e relacionais, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e grupal; a praticidade didático-pedagógica do ambiente virtual, pela sua alta interatividade e pela sua capacidade de colocar o estudante em contato com diferentes ambientes em tempo real e ao mesmo tempo; o desenvolvimento e reafirmação da autonomia para estudar e para formar-se; a oportunidade de socializar saberes e competências, possibilitando a democratização da educação. Além do que, os materiais educativos de “caráter multimídia reativam capacidades, competências cognitivas, habilidades. A ideia é de criar um novo ambiente de aprendizado, que alie educação presencial e virtual, sem que o conhecimento seja criado por um grupo restrito de pessoas, de forma centralizada” (Guimarães & Brennand, 2007: 76-77).

Políticas de educação à distância

Como proposta de formação profissional de nível superior, a EAD surge pela primeira vez na legislação educacional brasileira na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96). Entretanto, o avanço desta modalidade de ensino já vinha se processando em nível de sistema, por uma necessidade de implementação de políticas de formação que viabilizassem o amplo acesso e a democratização do ensino. Em 1994 foi criado o Sistema Nacional de Educação a Distância e em 1995 a Secretaria de Educação a Distância (SEED) no Ministério da Educação (MEC). Surgiram, paralelamente às iniciativas do MEC, projetos em educação a distância desenvolvidos por universidades, para formação de professores.

Inspiradas inicialmente na possibilidade de produzir educação em larga escala, as políticas de formação de professores em EAD sofreram críticas favoráveis e desfavoráveis quanto a sua qualidade e viabilidade. Ao ser interpretada como forma de despolitização e desintelectualização do professor, de inspiração fordista, esta modalidade de formação é vista como uma forma de “modelar um novo perfil de professor, competente tecnicamente e inofensivo politicamente” (Shiroma, 2003: 74). Compartilhando com o pensamento do autor, Moraes diz:

Valoriza-se, neste caso, o modo como as coisas são ditas ou experienciadas e não um conhecimento objetivo, complexo, reflexivo – no sentido não ressignificado do termo – da experiência docente. Saberes subordinam conhecimentos. Assim, plasma-se o processo cognitivo no interior de limites que se definem pela empiria das tarefas cotidianas, pela formatação da capacidade adaptativa dos indivíduos, pela narrativa descritiva da experiência imediata e busca da eficácia na manipulação do tópico. (Moraes, 2004: 10).

Os autores desenvolvem uma visão reducionista das possibilidades dos sujeitos em formação, sejam professores ou não, para interagir e relacionar-se com o conhecimento de forma crítica, pela mudança

e/ou introdução de uma outra estratégia de ensino que não a presencial. Esquecem os autores de que o processo de colonização de consciências se dá, e com muita frequência, nas relações de sala de aula presenciais, quando professores se limitam a atitudes de criaturas falantes, portadoras/divulgadoras de verdades e os alunos a ouvintes e reprodutores de ideias. Por outro lado, a atitude crítica do ser depende também de sua história de vida, de suas relações com o mundo, de suas crenças adquiridas desde o nascimento e não somente de suas relações com estratégias e modalidades de ensino.

Segenreich (2004: 11) apresenta como principais entraves para a consolidação e credibilidade das propostas em EAD: 1) a atuação do poder público que, com uma abordagem inadequada, caracteriza a EAD como uma modalidade diferenciada no sistema educacional, contribuindo para sua marginalização; 2) a resistência de representantes do sistema educacional para considerar esta modalidade de ensino no mesmo nível da presencial. Por outro lado, setores da sociedade, inclusive professores e alunos de cursos presenciais, oferecem resistências motivadas pelo desconhecimento das possibilidades de aprendizagem no ciberespaço, pelas próprias dificuldades para interagir no ambiente virtual, um veio das inovações atuais em tecnologia educacional e que exige do usuário esforço concentrado e desejo para navegar nesse espaço de interatividade, criatividade e de construção do conhecimento em rede.

Criada pelo Decreto nº 1.917, de 27 de maio de 1996, a Secretaria de Educação a Distância (SEED) instituiu o canal Tv Escola e apresentou, na III Reunião Extraordinária do Conselho Nacional de Educação (CONSED), o documento-base do “programa Informática na Educação”. Lançou o Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo) em 1997, com o objetivo de instalar laboratórios de computadores nas escolas públicas urbanas e rurais de ensino básico de todo o Brasil. Esta Secretaria foi criada para que o MEC pudesse atuar “como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e das técnicas de educação a distância aos métodos didático-pedagógicos”, promovendo a pesquisa de novos conceitos e práticas para as escolas públicas brasileiras (MEC, 2012).

O Decreto Nº 7.690/2012, que aprova a nova estrutura regimental do MEC extinguiu a SEED e seus programas e ações estão agora vinculados à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) que tem como objetivo “contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado a valorização das diferenças e da diversidade, a promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade sócio-ambiental visando a efetivação de políticas públicas transversais e interssetoriais” (MEC, 2012). Dessa forma, o MEC extingue da legislação a diferenciação e a possível marginalização da EAD, colocando-a no contexto da Educação Nacional, como uma atividade transversal aos níveis de ensino desde o Ensino Fundamental, em suas

diferentes modalidades e perspectivas, contribuindo para uma crescente credibilidade na EAD pela sociedade e pelos meios educacionais.

Uma relação outra com o saber

Para Levy, a visão reducionista do uso do computador como máquinas de ensinar ou como meio de comunicação, de pesquisa de informações, ferramenta para produção de textos e mensagens afasta-se fundamentalmente da proposta de aprendizagem em redes virtuais. Além disto, esta visão contribui para que a internet seja considerada apenas como um ambiente informador ou para um lazer que afasta os sujeitos das experiências formativas, que coloniza, que condiciona, que separa as pessoas e fragiliza os relacionamentos familiares e sociais.

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber [...]. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecida pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto na empresa como nas escolas (Levy, 1999: 172)¹⁴.

Dessa forma, a tecnologia educacional digital vem trazer outras possibilidades de formação e de aprendizagem, contribuindo para a reinvenção de práticas pedagógicas, exigindo uma mudança de postura institucional e instigando professores e alunos para a busca de outros fazeres na construção do conhecimento. Instaure-se uma nova era, em que é reconhecida a aprendizagem ao longo da vida, exigindo uma reformulação radical e dramática dos currículos, para atender às demandas das formações nesse contexto, em que ensino presencial e à distância precisam se interrelacionar de modo significativo, para atender à necessidade da troca e da circulação de saberes.

A relação dos alunos de cursos presenciais com disciplinas on-line

As perspectivas para aprender com as tecnologias do espaço virtual exigem das instituições formadoras uma nova postura, procurando fundamentar as suas práticas pedagógicas nesse novo paradigma com a exploração e utilização/aplicação de técnicas de ensino que incluam o uso das hiper mídias e das redes virtuais. O MEC determina que até 20% da carga horária dos cursos podem ser

¹⁴ 5ª reimpressão – 2005.

utilizadas para disciplinas online, entretanto, muitos professores ainda não se adaptaram às propostas e “pensam que basta reproduzir as técnicas praticadas no presencial e já estão prontos. Demoram para adquirir a competência de gerenciar fóruns, atividades digitais, de serem proativos com alunos silenciosos” (Valente & Moran, 2011: 111). Alunos que não estão familiarizados com a perspectiva da EAD, reclamam da ausência física do professor, acostumados que estão com o ambiente da sala de aula presencial, com o professor assumindo o seu território e os alunos ouvindo preleções temáticas, descrições, exposições, agora animadas pelo uso das mídias.

Os dispositivos de comunicação e de interação das infomídias invadem a sala de aula presencial, facilitando a circulação de informações entre professores, alunos e ciberespaço, atendendo a diferentes situações. O professor já pode, ao terminar a sua aula presencial, de posse de um *notebook* ou de um *tablet*, enviar slides, textos e outros materiais didáticos aos alunos. Este é um momento de transição em que as possibilidades da EAD auxiliam e muito a prática de sala de aula. “As infomídias interativas constituem um novo espaço; um espaço de transação, que proporciona comunicações intermitentes, precisas e ultrarrápidas, numa interação entre todos e todos, cada um com um potencial emissor e receptor, consumidor e produtor, formando grupos de interesses” (Linhares & Lima, 2009: 3).

Entretanto, para muitos alunos, o espaço virtual e a prática da consulta para aprender e aprimorar os conhecimentos veiculados pelos professores ainda significa uma ameaça, porque estão muito presos às práticas pedagógicas diretivas; reagem negativamente diante do professor que lhes incentiva voos mais altos. Ao final de uma aula minha de orientação monográfica, uma aluna pediu-me esclarecimentos e eu, prontamente, procurei tirar suas dúvidas, mas lhe disse que consultasse os textos que eu enviara por e-mail para a turma e pesquisasse para aprimorar o seu conhecimento, ao que ela respondeu: “não, professora, eu prefiro sua explicação, assim compreendo melhor”. Diante da minha insistência para que ela buscasse ampliar seu conhecimento, ela disse: “professora, eu não me dou bem com essa coisa de computador e não tenho tempo para ler”. Esta é uma realidade com a qual convivemos em nossas instituições de ensino superior que buscam introduzir práticas interativas à distância e disponibilizam situações de aprendizagem virtual nos cursos presenciais. Alunos e também professores reagem negativamente, considerando que não são capazes de ingressar na experiência da presencialidade propiciada pelas infomídias.

A experiência da oferta de disciplinas on-line no Centro Universitário Estácio da Bahia

O Centro Universitário Estácio da Bahia faz parte do Grupo Estácio, que vem oferecendo disciplinas on-line nos cursos presenciais desde 2006, como uma forma inovadora e criativa de introduzir os alunos na experiência do ciberespaço, propiciando a oportunidade para aprimorar a autonomia tecnológica, condição necessária ao profissional do século XXI. O estudo das disciplinas é organizado de modo que os alunos têm um professor virtual que o acompanha em suas atividades e avalia a sua

aprendizagem. No campus virtual o aluno tem acesso à sala de aula, bibliotecas e outros serviços educacionais: materiais didáticos disponibilizados pelos professores para as disciplinas presenciais e on-line, informações acadêmicas, acesso a diversas fontes de informações – jornais, revistas, artigos científicos, bibliotecas virtuais, portal de pesquisa, cursos on-line de extensão. A Biblioteca Virtual Universitária 2.0 é disponibilizada a todos os alunos dos cursos presenciais e 100% EAD, com um acervo de livros eletrônicos das diferentes áreas de estudo.

Na experiência do Centro Universitário Estácio da Bahia, as reações dos alunos foram as mais diferenciadas possíveis. Enquanto aqueles que já tinham experiência com a navegação na internet e com os dispositivos midiáticos gostaram da iniciativa e a consideravam importante e criativa, outros reagiam de modo negativo alegando que tinham se matriculado em um curso presencial e, portanto, não aceitavam as disciplinas on-line.

Os alunos que estavam satisfeitos com o programa consideraram que as disciplinas on-line: otimizam o tempo para o estudo e para outras atividades, porque propicia maior grau de autonomia e eles podem estudar em qualquer lugar onde possam ligar um computador e a qualquer hora; oferecem oportunidade para a pesquisa e busca de novos conhecimentos. Consideraram ainda o ambiente das aulas muito criativo e dinâmico, com as diferentes possibilidades de participação: os fóruns, o *chat*, a biblioteca virtual, a interação com os colegas, a interatividade e, é pertinente enfatizar um ponto que eles consideraram um outro diferencial de qualidade – o aspecto estético e organizacional do ambiente virtual Estácio, que torna o estudo mais agradável.

As dificuldades evidenciadas se referem principalmente à falta de experiência de alunos que nunca acessaram a internet, que não tem computador em casa e que estavam há muitos anos sem estudar e quando retornam ao ambiente acadêmico encontram uma realidade muito diferente do seu ritmo de vida até então. Os mais radicais, inicialmente dizem que se for para fazer disciplina on-line preferem desistir de estudar. Mas não desistem, porque começam a interagir com os colegas que lhes falam sobre as vantagens de estudar on-line e terminam, a grande maioria, por dizer: “se eu soubesse que era tão bom teria feito as disciplinas on-line há mais tempo”. E pedem para inserir estas disciplinas no quadro de matrícula, principalmente a partir do 6º semestre, quando estão mais envolvidos com atividades de pesquisa e trabalhos de conclusão de curso. Os alunos ingressantes evidenciam maiores dificuldades, pelos motivos já expostos. Para suprir as suas carências com o ambiente virtual eles são convidados a participar de oficinas para conhecer o ambiente virtual e aprender a estudar on-line. Alguns perdem a matéria porque quando se dão conta de que negligenciaram com as atividades, que exige disciplina e organização para estudar, os fóruns já estão fechados, as datas das avaliações já expiraram e as lições estão tão acumuladas, que não conseguem recuperar o tempo perdido. Mas se matriculam novamente na disciplina e agem de modo diverso, compreendendo o seu papel no processo de aprendizagem.

As provas, por uma exigência do MEC são presenciais. Ainda não temos, na qualidade de cidadãos em formação, possibilidades para uma avaliação da aprendizagem totalmente on-line. Uma das muitas dificuldades observadas no Centro Universitário Estácio da Bahia, foi quanto à marcação de provas, porque muitos alunos esqueciam de marcar, o sistema marcava aleatoriamente e eram inúmeras as solicitações, na semana das provas, para remarcação. Mas a partir de orientações, treinamentos e acompanhamento do Pólo EAD, esses alunos foram se adaptando gradativamente ao sistema que exige deles autonomia e iniciativa.

Os professores da Estácio Bahia muito têm contribuído para que os nossos alunos se adaptem com mais facilidade à proposta das disciplinas on-line; eles próprios precisaram e precisam passar por esse processo para navegar no ambiente virtual corporativo e dar conta de seus procedimentos acadêmicos. Enquanto alguns mais conservadores ainda fazem críticas à aprendizagem on-line, outros buscam integrar-se à nova realidade no campo da aprendizagem e das formações. Até porque, no Novo Ensino Estácio, mesmo as disciplinas presenciais contam com um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a Webaula, onde o professor coloca atividades para os alunos, abre fóruns de discussões temáticas e disponibiliza material didático complementar, além do que o aluno recebe impresso e encadernado, no início do semestre, gratuitamente. Para a capacitação do professor nesse processo, a instituição mantém um programa intitulado “Autonomia Tecnológica”, com encontros periódicos a cada semestre. Os professores contam também com o Programa de Incentivo à Qualificação (PIQ), com cursos à distância em diferentes campos do conhecimento e em questões didático-pedagógicas.

Cursos 100% EAD

A Estácio oferece cursos à distância para licenciatura, bacharelado e graduação tecnológica. Para atender a diferentes públicos foram criados em 2011 os cursos semi-presenciais. Situações semelhantes ao comportamento de alunos dos cursos presenciais com disciplinas on-line são observadas, mas é visível o encantamento com os cursos e com o campus virtual da Estácio depois que eles se familiarizam com o processo. As falas mais frequentes são: “a EAD possibilitou que eu voltasse a estudar e realizasse meu sonho”; “encontrei a praticidade de realizar os meus estudos, a minha graduação de acordo com o meu tempo”; “tenho como fazer meus horários para estudar e o custo é menor”; “as principais vantagens são disponibilidade de tempo, custo, agendamento das avaliações; “a estrutura e o ambiente virtual da Estácio nada deixa a desejar diante das melhores instituições de ensino, porque ela é uma das pioneiras em EAD no Brasil”.

Uma dificuldade relatada pelos alunos EAD se relaciona com o tipo de acesso que eles têm em casa. Uma aluna do curso de Pedagogia disse: “professora, a minha internet é muito lenta porque o sinal é para vários moradores da rua e eu tenho dificuldades para entrar no campus virtual”. Este é um

problema social que atinge a maioria dos estudantes pobres de Salvador/Bahia e que a instituição, na medida do possível procura minimizar, disponibilizando no Polo EAD computadores para os alunos.

O Polo EAD também orienta, aplica avaliações, recebe as queixas dos alunos identificando os problemas para as possíveis soluções, visando manter o aluno satisfeito com os seus estudos e com a instituição. Os problemas mais frequentes detectados pelo Polo é mesmo com o acesso às disciplinas, motivados por questões técnicas como: configuração do PC dos alunos que gera lentidão no acesso, analfabetismo digital, resistências ao ambiente virtual. Os professores do Pólo acolhem estes alunos e lhes dão o necessário apoio e suporte até que, depois das primeiras vicissitudes eles se revelam encantados com a modalidade de formação EAD e aptos a buscar a superação das dificuldades pelos seus próprios esforços.

Considerações finais e provisórias

O ensino à distância e sua necessidade cada vez mais acentuada decorre das mudanças sociais e das novas demandas no mercado de trabalho, exigindo profissionais cada vez mais capacitados e com suficiente autonomia tecnológica para exercer as suas funções. Esta realidade trouxe para os sistema educacional o grande desafio da adequação e da mudança gradativa de processos de ensino enclausurados em salas de aulas presenciais para a busca de novas organizações curriculares que possam dar conta da formação de profissionais cada vez mais competentes e criativos; de que a sociedade precisa nesse mundo novo que aponta para diversas realidades sem fronteiras, com informações em tempo real, dotadas de uma provisoriedade e de um movimento transformador fantástico e irreversível.

Surge, portanto, a necessidade de se pensar em educação/formação ao longo da vida, que obriga a instituição formadora de qualquer nível de ensino a repensar os seus modelos pedagógicos a partir de uma institucionalização em redes com a introdução de espaços virtuais de aprendizagem.

O novo paradigma de ensino Estácio focaliza a qualidade e a busca de melhoria constante, disponibilizando para o aluno os materiais físicos em forma de textos impressos e virtuais de que ele precisa para sua formação em um processo de educação e aprendizagem distribuída, que quebra as fronteiras da aprendizagem presencial, com o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação. Desenvolvendo novos meios de organização e de atendimento ao aluno, bem como de formação dos professores para o desempenho de suas funções nos novos cenários institucionais.

Referências

- Brasil. Ministério da Educação (1996). *Lei nº 9.394*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Retirado em janeiro 20, 2012 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.
- Brasil. Ministério da Educação (2012). *Decreto nº 7.690*. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação. Retirado em abril 13, 2012 de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7690.htm.
- Guimarães, Jane Mary de Medeiros, & brennand, Edna Gusmão de Góes (2007). *Educação a distância: A “rede” eliminando fronteiras*. João Pessoa: Editora Universitária.
- Levy, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Levy, Pierre (2007). *A inteligência coletiva*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Ligorio, Beatrice M., & TÁLAMO, Alessandra, & PONTECORVO, Clotilde (2005). Building intersubjectivity at a distance during the collaborative writing of fairytales. *Computers & Education*, vol. 45. Retirado em novembro 25, 2011 de <http://www.tlu.ee/~kpata/haridustehnologiaTLU/collaborativefairytales.pdf>.
- Linhares, Ronaldo Nunes; Lima, Maria de Fátima Monte (2009). Reconfigurando fronteiras entre presencialidade e virtualidade na EAD: Disciplinas on-line na universidade. *Revista Científica de Educação a Distância*. vol.2, nº 1. Retirado em janeiro 12, 2012 de [http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path\[\]=81&path\[\]=52](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path[]=81&path[]=52).
- Lobo Neto, Francisco José da Silveira (1995). Tecnologia Educacional. *Revista Tecnologia Educacional*, 25(130/131), 43-45.
- Moraes, Maria Célia Marcondes de (2004, Agosto). Incertezas nas práticas de formação e no conhecimento docente. Texto para a mesa-redonda “Políticas de Formação de Professores”, *III Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Curriculares*, Rio de Janeiro, Brasil.
- Moore, Michael G. (2002). Teoria da Distância Transacional. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, 1-14.
- Segenreich, Stella Cecília Duarte. *Políticas de EAD e seu impacto no ensino superior brasileiro*. Retirado em abril 10, 2012 de http://www.ateneonline.net/datos/30_02_Segenreich_Stella.pdf.
- Shiroma, E. O (2003). Política de profissionalização: aprimoramento ou desintelectualização do professor? *Intermeio*, 9(17), 64-83.

Valente, José Armando, & Moran, José Manuel (2011). *Educação a Distância: Pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus.

2.73.

Título:

Extensão universitária e inclusão: reflexões sobre um curso a distância de formação docente

Autor/a (es/as):

Silva, Solange Cristina da [Universidade do Estado de Santa Catarina]

Bock, Geisa Letícia Kempfer [Universidade do Estado de Santa Catarina]

Souza, Márcio Vieira de [Universidade Federal de Santa Catarina]

Beche, Rose Clér Estivaleta [Universidade do Estado de Santa Catarina]

Resumo:

Esse artigo refere-se a um relato de experiência educacional de extensão universitária por meio de um curso a distância de formação de educadores. No processo de inclusão das pessoas com deficiência no espaço escolar há, ainda, demanda por formação do corpo docente. Diante dessa demanda, desenvolveu-se em 2011 um curso de extensão a distância intitulado “O aluno cego no contexto social”. O referido curso teve carga horária de 32 horas, objetivando a capacitação de docentes de escolas públicas e da comunidade interessada. Acreditamos na superação do preconceito por meio da formação de educadores, utilizando-se das tecnologias de informação e comunicação. E, nesse sentido, foi utilizada a metodologia à distância, por meio da qual se disponibilizou, na plataforma virtual de aprendizagem Moodle, orientações, textos para leitura, sala de conversação, vídeos, fóruns e tira-dúvidas para possibilitar o conhecimento e discussão das experiências em relação a educação de cegos. Este curso resultou na certificação de 53 participantes, contribuindo para o desenvolvimento de uma reflexão crítica a respeito da educação de cegos e, também, para a inclusão escolar e social desse grupo.

Palavras-chave:

Inclusão, Educação a Distância, Formação de Professores, Deficiência visual.